

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COGEAE – PUCSP

Marina Queiroz Ladeira

**JOÃO ANTÔNIO E A FIGURA DO MALANDRO PAULISTANO NO
CONTO *MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO***

São Paulo

2014

Marina Queiroz Ladeira

**JOÃO ANTÔNIO E A FIGURA DO MALANDRO PAULISTANO NO
CONTO *MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO***

Monografia de conclusão do Curso de
Especialização em Literatura da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
(Cogeae) sob a orientação do Prof. Dr.
Erson Martins de Oliveira

São Paulo

2014

DEDICATÓRIA

Ao pequeno Daniel, a ausência mais sentida.

AGRADECIMENTOS

Primordial é agradecer à vida, dom mais sagrado e mais secreto. Independente de credo ou religião, estar viva é uma dádiva diária. Meu muito obrigada a Deus, força maior.

Também agradeço aos meus pais, Jerônimo e Alcina, que muito me ensinaram e cujo conhecimento não vem dos bancos escolares, mas da vida: a maior de todas as formadoras.

Aos meus irmãos: Paulo, Júlio, Willian, Hamilton e Hailton, referências diárias em minha caminhada.

A todos os meus familiares, laço eterno e de tão válida importância.

Ao professor Erson, meu orientador nesta difícil transposição entre o pensar e o escrever. Obrigada por acreditar em meu trabalho e por entender as minhas limitações.

A todos os professores da PUC, que garantiram a excelência do curso.

Aos muitos amigos que conquistei durante a especialização, em especial às companheiras Andreia e Gisele.

Ao meu companheiro fiel, grande amigo, conselheiro e incentivador, Carlos. Amoroso e paciente em todas as horas e eficaz na dura tarefa de cobrar-me prazos.

E finalmente, ao grande e verdadeiro amor, Daniel. Razão de cada batalha, de cada conquista. É sempre por você, filho; mais uma vez sacrificado para que eu possa concluir um novo projeto.

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise do conto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio. Publicado em 1963, narra a história de três malandros da capital paulista, errantes à procura de diversão. É a partir da história deles que o autor nos mostra um pouco do que viveu, também na noite paulistana, entre um bar e outro. Em volta de uma mesa de sinuca João Antônio teve contato com essa gente. Donos de um linguajar e de uma ginga malandra, os personagens da narrativa são, certamente, uma pequena parcela dos muitos malandros com os quais o autor conviveu. Nosso estudo pretende demonstrar como é a imagem desse malandro criado por João Antônio, sempre no entendimento que suas histórias são ficcionais, mas têm fundamento e base nas experiências vividas por esse que também foi uma espécie de “*merduncho*”.

PALAVRAS-CHAVE: João Antônio, malandragem, literatura brasileira contemporânea.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. João Antônio – Uma apresentação necessária?	11
2. Conto – Gênero oral e contemporâneo?	21
3. O conto Malagueta, Perus e Bacanaço – Será o jogo uma metáfora da vida?	24
4. A figura do malandro paulistano no conto Malagueta, Perus e Bacanaço – Ficção ou experiência diária?	33
5. Três malandros e suas diferenças – Parceria ou dependência?	40
6. Novo milênio, novos tempos – A malandragem morreu?	45
Conclusões	47
Anexos	49
Bibliografia	53

“Meu único medo é passar pelas coisas e não vê-las.”

(João Antônio)

INTRODUÇÃO

Em 2013 a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*¹ completou 50 anos de sua primeira publicação. Em 1963, em ocasião de seu lançamento, reuniu várias personalidades literárias da época e seus contos foram aclamados pela crítica. Seu autor, João Antônio, hoje é quase que um desconhecido do grande público. A presente monografia pretende resgatar um pouco da memória desse escritor, que em vida ganhou muitos prêmios e cujas obras ainda são bastante respeitadas no mundo literário.

Este trabalho terá como *corpus* o conto título da obra e apresentará uma análise dos três personagens malandros da capital paulista. Malagueta, Perus e Bacanaço, três figuras da noite paulistana que representam um pouco daquilo que o autor viveu durante suas próprias estadas em ambientes até então à margem de qualquer possibilidade literária. Antes de apresentar os protagonistas deste trabalho, vamos a uma breve lembrança sobre quem foi o criador de figuras tão expressivas.

Dono de um estilo bastante pessoal e marcante, João Antônio conservou seu jeito boêmio, mesmo quando pôde frequentar as rodas da sociedade literária. Ele dizia preferir seus bares aos espaços luxuosos das grandes cidades. Grande parte dos pesquisadores, inclusive, atribuem as histórias e a linguagem usada pelo autor ao fato dele frequentar esses lugares. Ou seja, João Antônio escreveu sobre assuntos que conhecia bem, pois frequentava os ambientes tão bem descritos em suas histórias.

Ele – assim como muitos de seus personagens – era um malandro. Não necessariamente de uma grande capital brasileira, mas a figura malandra possível de ser enxergada em qualquer esquina, em qualquer lugar. A figura de João Antônio certamente caberia em qualquer um de seus livros.

¹ A obra *Malagueta, Perus e Bacanaço* foi publicada por várias editoras, mas para este trabalho utilizamos a edição da Cosac & Naify, atual detentora dos direitos autorais do autor.

De origem humilde, frequentador de bares da boca do lixo, João Antônio foi consagrado um grande escritor da época, comparado a nomes como Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto ou mesmo Mário de Andrade. Embora tenham estilos diferentes, esses autores ficaram conhecidos por escreverem sobre as cidades, suas gentes e seus possíveis encantamentos ou vergonhas.

“João Antônio faz para as esferas malditas da sociedade urbana o que Guimarães Rosa fez para o mundo do sertão, isto é, elabora uma linguagem que parece brotar espontaneamente do meio em que é usada, mas na verdade se torna língua geral dos homens, por ser fruto de uma estilização eficiente.” (CANDIDO, 2009)

João Antônio chegou a declarar um “conhecimento milimétrico” da cidade de São Paulo, razão pela qual, por exemplo, ele consegue descrever bairros como Lapa e Barra Funda – presentes no conto-título – conforme eram na década de 60 do século XX. Suas descrições da cidade de São Paulo também são bastante pertinentes e poéticas: *“Pressa, que gente deixou os trabalhos, homens de gravata ou homens das fábricas. Bicicleta, motoneta, caminhão, apertando-se na rua. Para a cidade ou para as vilas, gente que vem ou que vai.”* (p.155)

O texto joaoantoniano é marcado por personagens típicos da cidade grande: são prostitutas, malandros, batedores de carteiras, cafetões. Toda a sorte de proletários, uma gente que se arranja como pode e que vive, aqui e ali, tentando sobreviver. *“João Antônio revive o perfil do boêmio amargo e clarividente que teve nas letras brasileiras o exemplo ardido de Lima Barreto. Mestiço, pobre, suburbano, noctívago, etílico, anarquista ou quase: homem da escrita e do jornal, quantas afinidades guardadas nas entranhas da memória!”* (BOSI, 2013).

É o retrato de uma classe humilde, que não parece encontrar lugar em uma sociedade fortemente marcada por diferenças sociais. Um povo que não costuma ter destaque na Literatura, uma população acostumada ao anonimato porque só cabe

em papéis de pouca importância e cuja existência sempre foi relegada ao perfil de simples coadjuvantes.

Em várias entrevistas concedidas durante o sucesso de seu primeiro livro, João Antônio declarou que além do amor que ele nutria pela Literatura, ele considerava também a necessidade de desmistificar a ideia de que poucos eram os leitores brasileiros. Para ele, muito mais importante do que estar perto da “nata” literária era compartilhar de suas experiências com a juventude brasileira. Ele acreditava que o jovem brasileiro ainda mostraria seu valor, rompendo com o estigma de que somos uma nação sem perspectivas.

1. JOÃO ANTÔNIO – Uma apresentação necessária?

“Sobre o meu nome se poderão ouvir as melhores e as piores coisas. Jamais acreditem.”

João Antônio Ferreira da Silva nasceu na cidade de São Paulo. Foi criado em um ambiente humilde, em Presidente Altino, subdistrito de Osasco, na Grande São Paulo. Filho de um imigrante português, caminhoneiro e dono de bar, e de uma dona de casa, mulata e de poucos estudos. Conforme declaração do próprio autor, muitos bairros que ele retratou em suas obras, como Perdizes, por exemplo, eram locais conhecidos por ele. A vida na periferia o aproximava das histórias que ele gostava tanto de contar.

O estilo joãoantoniano tem o clássico marco de grandes autores que buscavam escrever sobre aquilo que vivenciavam, fugindo dos rigores acadêmicos. Era perto do povo que ele estava e era para o povo que ele escrevia. A melhor maneira de conhecê-lo, porém, talvez seja lendo o que ele mesmo disse sobre si:

“Meus gostos já estão expressos nos meus contos e escritos. A habilidade das pessoas do povo, o samba, a sinuca. Veja bem: já cobri doze carnavais na avenida Presidente Vargas, antiga passarela do samba. E fui jurado de samba-enredo no Sambódromo. Tenho dois admiradores maiores, Lima Barreto e Noel Rosa, sobre quem tenho escrito até livros. Muitos autores eu frequento, até alguns hoje esquecidos. E, por incrível que pareça, para mim Machado de Assis é o maior exemplo de escritor novíssimo na literatura brasileira. Eu o recomendo, ao lado de Graciliano Ramos, para quem quiser aprender a escrever bem. Agora, um “barato” é Manuel Antônio de Almeida e seu sargento de milícias Leonardo Pataca. Sou leitor inveterado e leio, com grande prazer, desde a Bíblia, o Dom Quixote, um poema de Manuel Bandeira, um ensaio de Mário de Andrade, Antonio Candido ou José Paulo Paes, um conto ou romance de Marcos Rey.”
(ANTÔNIO, 2005)

O trecho acima revela a relação de um homem com seus gostos e com sua gente: um brasileiro ciente de suas raízes, apaixonado por Literatura e conhecedor dos assuntos tipicamente brasileiros. Leitor apaixonado, autodidata em Literatura e um grande curioso. As referências citadas, por exemplo, demonstram o quanto ele era eclético quando o assunto era literatura e também o seu grande gosto pela cultura brasileira.

“Eu sou paulista, nasci na Maternidade de São Paulo, dia 27 de janeiro de 37. Fui criado em São Paulo boa parte de minha infância. Morei em muitos lugares de São Paulo, principalmente lugares pobres, porque meus pais eram e são pobres. Morei nos lugares mais diversos, Vila Pompeia, Osasco, Presidente Altino, moramos nas Perdizes, meu pai mudava muito, questões de vida e tal. De forma que São Paulo é uma cidade que conheci muito profundamente.” (ANTÔNIO, 2005)

Ainda garoto trabalhava e estudava – como ainda faz boa parte da juventude brasileira - mas sempre encontrava tempo para o prazer da escrita e da leitura. Fã de livros, sempre se declarou um grande leitor, um apaixonado por todo o tipo de leitura. Para ele, a proximidade com os livros era um bálsamo diante da dureza da realidade cotidiana e uma forma de talvez fugir desta condição que tanto o angustiava.

“Agarrei-me à literatura aos onze anos. Neste amor já houve longos espaços de paixão maluca e houve esmorecimentos explicáveis, que eu, com estes meus arrebatamentos só apronto confusão. E levo tanta aflição por dentro. Mas é o amor de sempre. E vou caprichando que, afinal, a literatura é a minha única terapêutica.” (ANTÔNIO, 1999)

Ao declarar que a Literatura é sua “única terapêutica”, o autor nos revela o tamanho de sua intimidade com a arte literária, não apenas com a sua, mas com a Literatura em geral. Para ele, escrever era a maior de suas rebeldias, talvez a única

forma que ele, garoto pobre, do subúrbio, tenha encontrado para se libertar de sua condição social.

João Antônio não escrevia pelo dinheiro o reconhecimento não lhe trouxe fortuna, assim como acontecia – e ainda acontece com muitos escritores. Os textos fizeram com que ele imprimisse sua marca e sua passagem, e ele costumava dizer que precisava escrever, pois isso estava marcado em sua essência e era assim que ele sentia-se vivo.

Seus “*arrebatamentos*” não o impediram de escrever e de tornar-se um sucesso, embora tenham o afastado de uma posição intelectualizada que ele não admitia, inclusive. João Antônio era avesso às “*badalações*” literárias, e talvez por isso não tenha se transformado em um grande nome da Literatura Brasileira. Em obras que registram os grandes contos do século XX, por exemplo, seus textos sequer são citados.²

Quanto às “*aflições*” que ele alegava carregar por dentro, provavelmente ele as tenha carregado durante toda a vida, sempre utilizando essa melancolia poética em sua forma de escrever e garantindo um estilo totalmente característico e cheio de estilo pessoal. A prosa de João Antônio tem um apelo bastante crítico e reflexivo, nos levando a entender que ele foi um incansável questionador da vida, certamente um homem sensível aos acontecimentos ao seu redor, incapaz de ficar neutro aos sofrimentos de sua gente.

Ao utilizar a literatura como uma espécie de tratamento, ele nos permite entender que instituições como a família e a escola tinham falhado, não livrando-o do estigma social a que ele estaria intimamente ligado ainda antes de nascer. Foi por meio da literatura que ele não só encontrou um caminho de sustento e status, mas também uma ocupação que o fazia refletir sobre questões que o afligiam, questões ligadas ao abandono social que ele tanto conhecia.

² Obras: Os melhores contos brasileiros de todos os tempos – editora Nova Fronteira e Os cem melhores contos brasileiros do século – editora Objetiva. Ambas foram distribuídas para alunos da rede estadual paulista.

De origem humilde – proletário e suburbano – João Antônio escrevia sobre tipos que conhecia muito bem e era uma espécie de porta-voz dessa gente. Muitos de seus textos foram apreciados pelos próprios personagens retratados em suas histórias, e o autor mostrava-lhes o improvável: ali, naquele meio ainda hoje considerado menor, surgia um escritor.

Dotado de muita sensibilidade, ele conseguia captar as cenas que presenciava e as transformava em frases muitas vezes poéticas. Provavelmente ele foi desacreditado por seus próprios companheiros. Não é difícil imaginar que eles duvidavam que aqueles textos mostrados ali – entre uma partida de sinuca e outra – eram de autoria de alguém como eles.

Inteligente e muito sagaz, quando finalizava seus trabalhos literários enviava seus contos às redações de jornais, revistas, a críticos literários e escritores. Isso o tornou conhecido no meio literário e ele ganhou alguns prêmios antes mesmo de ter sua obra publicada.³

“(…)Porque só escrevendo eu sou inteiro. Tudo é meu, então. Resta-me este grande bem – eu seria um homem que escreve ali, além, na Bahia, no Indostão. Se não escrevo eu não sou ninguém. Se não amar o que escrevo, não escrevo. É uma a minha vontade e um, o meu proposito – não permitir que nada me afaste da literatura. Nem profissão, nem mulher, nem nada. Eu sou obrigado a fazer aquilo de que gosto. E o dia em que não amar a vida, não querê-la, gostaria da morte. “Sem aviso prévio” – como canta Carlos Drummond de Andrade.” (ANTÔNIO, 1999)

Na adolescência teve contato com a vida boêmia e iniciou sua parceria com as mesas de sinuca, com o cigarro e com o álcool. Em suas visitas a esses espaços – popularmente conhecidos como Boca do Lixo – conheceu suas primeiras namoradas e um tipo bastante característico desses lugares: o malandro.

A imagem desse malandro seria retratada por João Antônio anos mais tarde, em obras como *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. A construção da tipologia desses

³ Prêmio Fábio Prado para contos (1962) e Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo (mesmo ano).

personagens não parte apenas da capacidade imaginativa de criação do autor: muito do que ele escreveu foi baseado em sua estreita relação com esse mundo. Em várias ocasiões o autor relatou que seus personagens não são fruto de estudos de gabinete, mas são espelhados em pessoas com as quais ele convivia e cujas experiências ele também viveu. Conforme relato do próprio autor:

“Não declinarei número de sapato, nem de colarinho, peso e derivantes porque realmente não sei. Não quero detalhar minhas amizades malandras, que isto não é novela. E tem mais duas propriedades – não sou besta e nem delator. Mas foi lá. Nas beiradas das estações, nos salões de joguinho, nos goles dos botecos, que vi Malagueta, Perus e Bacanaço.” (ANTÔNIO, 2009)

Com uma vida dividida entre a vontade de firmar-se como escritor e o desejo de permanecer como um “malandro”, João Antônio terminou o antigo segundo grau e fez opção pelo curso de jornalismo. Em 1958, sempre trabalhando e estudando, conseguiu emprego como redator publicitário. Nessa mesma época, data não definida, mas entre 1957 e 1958, o pai de João Antônio – senhor Ferreira – recebeu em sua porta uma espécie de “comissão” formada por quatro homens muito bem vestidos, usando terno e gravata. O grupo procurava por Paulo Melado do Chapéu Mangueira-Serralha.

Um garoto de não mais de vinte anos era o detentor de tal pseudônimo. Apresentando-se na sala da família, João Antônio recebeu os visitantes, estando ainda sonolento e de ressaca. O grupo procurava pelo autor de vários contos que chegavam às redações – o conto *Fujie*, por exemplo, já havia ganhado, em 1958, um prêmio da revista Cigarra. Descobriram, então, que o rapaz presente era o responsável pelas criações.

O costume de enviar seus trabalhos para apreciação de redatores ou escritores foi talvez a forma que João Antônio encontrou para sair do anonimato. Tal hábito garantiu-lhe, inclusive, o encontro com uma escritora já renomada e que

acabaria por se tornar sua amiga, correspondente e confidente: Ilka Brunhilde Laurito, mulher com quem ele trocou correspondências por um grande período.⁴

Em ocasião por ter um conto seu publicado, após ter sido selecionado em um concurso de crônicas, Ilka recebeu uma carta de um até então desconhecido. O ano era 1959. Setembro. *“Também acontece que sou moço e faço alguma literatura. Se é literatura mesmo, não sei. O fato é que tenho logrado ganhar alguns prêmios e tenho escrito uns troços que alguns escritores de meu convívio dizem prestar.”* (ANTÔNIO, 1999).

É interessante perceber o tipo de destaque que o próprio João Antônio dedica a sua obra. Ao usar o termo ‘troços’ para classificar sua obra ele não só demonstra sua familiaridade com gírias do subúrbio de São Paulo como também revela um pouco de sua humildade ao admitir não saber se o que escreve é digno de ser chamado de texto.

A amizade com Ilka se estendeu por muito tempo, e as correspondências com ela tratavam de vários assuntos, inclusive sobre a maneira como João Antônio enxergava o típico malandro, uma das muitas figuras presentes em rodas de sinuca e conhecido pela sua maneira peculiar de sobrevivência e que será analisado nesta Monografia.

Para ele, esse personagem das grandes cidades não era apenas uma figura caricata, presente em histórias que ele ouvira contar. Vivendo nesse meio, João Antônio esteve em contato com esses tipos urbanos, não como um mero observador, mas como um participante ativo desse núcleo social.

Essa excessiva mania de colocar seus escritos a prova, distribuindo-os para apreciação de diversas pessoas, foi fundamental quando João Antônio, em 12 de agosto de 1960, passou pela terrível tragédia de um incêndio que destruiu não só a sua casa, mas vários escritos seus e também sua máquina de escrever, aliada

⁴ Escritora e entusiasta da Literatura Brasileira, Ilka foi amiga pessoal de João Antônio e durante muito tempo eles trocaram cartas. Pesquisadores relatam existir uma paixão platônica entre os dois.

companheira a quem ele só recorria após ter escrito e reescrito seus textos. Ele gostava de datilografá-los somente quando os considerava prontos.

O incêndio acabou por separar a família de João Antônio e por muito tempo ele viveu de favores, em casa de amigos ou mesmo na companhia de amigas da Boca do Lixo.

Sua confidente, Ilka, continuou recebendo cartas dele, relatos agora de um homem ora deprimido, ora esperançoso sobre a possibilidade de conseguir reescrever e “reencontrar” seus três amigos. Mas, entre tantos contos, a história de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, três malandros e suas “virações” pela noite paulistana estava parcialmente perdida.

Durante muito tempo João Antônio usou essa história inclusive como *marketing* para sua carreira: ele gostava de contar que o incêndio havia destruído todo o texto, mas ele tinha cópias guardadas em seu trabalho e muito material distribuído entre amigos. O incêndio realmente aconteceu, tragédia marcante para qualquer família, mas a reconstrução do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* não foi tão difícil quanto ele declarava. Analisar mais esse fato também nos permite perceber que a malandragem estava totalmente imbuída na essência de João Antônio.

Encorajado por amigos, ele enclausurou-se durante várias noites na biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, com a finalidade de terminar o que faltava no conto. Esses momentos de angústia e solidão também estão presentes nas correspondências que trocava com a amiga Ilka:

“24 de janeiro de 1961

Estou bem. No domingo, gramei sete horas sobre o papel e “Malagueta, Perus e Bacanaço” vai surgindo, escavado. Vou-lhe também impregnando de coisas novas e as cartas que você me devolveu ajudam-me bastante, devolvem-me realmente alguma coisa. Tudo ajuda quando a gente se ajuda. Trabalhando. Já descobri e redescobri pela décima vez que se me vem alguma alegria nesta vida toda, vem da literatura. Não negarei que sofro. Tristezas nestes últimos dias. Fácil ver que não sou ninguém como é fácil ver que sou um privilegiado. Escrever é lindo e se nos custa, muita recompensa

vem. Escrever é um dom, Ilka. Não é privilégio? Machuca, arrebenta, me larga quase chorando. Mas fico inteiro.” (ANTÔNIO, 1999)

O fato de alguns de seus textos já terem sido publicados também facilitou a reorganização de seus trabalhos e possibilitou que boa parte fosse recuperada. Dotado de um poder de memorização e de muita coragem, reescreveu aquele que é o conto-título de seu livro de estreia e *corpus* deste trabalho.

“Para reescrever *Malagueta, Perus e Bacanaço* empreguei quase dois anos, que não tinha quarto e nem quase casa. Rodei pensões, bibliotecas, apartamentos de amigos, quartos mesquinhos de hotel; enquanto, durante o dia, trabalhava em escritórios de mil coisas para remendar dívidas e empenhos familiares. Aproveitei intervalos, sacrifiquei domingos, mandei amigos andares, desertei de muitas coisas. Gramei sobre o papel, o livro veio vindo, vindo e está aí.” (ANTÔNIO, 1999)

Malagueta, Perus e Bacanaço é não só a obra mais famosa do autor, mas também o trabalho que lhe rendeu o maior número de prêmios e o reconhecimento que ele tanto almejava.

Antes de conseguir publicar seu livro, por diversas vezes o autor reclamou da sorte. Ele costumava dizer que não encontrava mais estímulo para escrever porque mesmo sendo ganhador de prêmios por contos que publicava aqui e ali ele não conseguia concretizar o sonho de ver publicada uma obra sua. Desejoso por ver sua obra publicada ele chegou a comentar com pessoas mais próximas que esta demora estava o afligindo. “*A não saída de meus livros me largou triste. Mas de uma tristeza silenciosa, sem desesperos. Afinal, não foi a qualidade dos textos que impediu a publicação. Aborrecimento sem motivo fundo, seria. Mais importante é escrever.*” (ANTÔNIO, 1999).

Finalmente, no dia 21 de junho de 1965, na livraria Teixeira, João Antônio finalmente conseguiu apresentar seus três malandros à sociedade literária. Na festa estavam presentes familiares do autor, assim como amigos e demais convidados, em grande parte nomes da Literatura Brasileira.

Como todos os episódios importantes na vida do autor, esse também esteve cercado de situações excêntricas.

“Numa certa altura da festa, João Antônio me apontou a presença de mulheres estranhas ao meio e que o cercavam, sorrindo com intimidade. Eram elas algumas de suas personagens, prostitutas da Boca do Lixo paulistana, que ele convidara especialmente para a estreia de seus três vagabundos no mundo das elites intelectuais. E que ele tratava com o mesmo carinho e respeito com que tratava os outros convidados.” (LAURITO, 1999)

A primeira obra de João Antônio foi sucesso de crítica e se tornou filme – O Jogo da Vida, estrelado por Lima Duarte, Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte e Maurício do Valle (vide foto anexa). Sobre o filme, o próprio autor reclamou não ter gostado muito do resultado. Fato é que a linguagem utilizada pelo autor não conseguiu ser transferida para a cena e a história dos três boêmios não causou o impacto esperado, foi fiel apenas em seu roteiro.

João Antônio publicou mais doze livros, e recebeu onze prêmios. O autor morou em diversos países e depois retornou ao Brasil.

Ele faleceu sozinho, em seu apartamento no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, em 1996. Seu corpo foi encontrado dias após sua morte. Sobre sua partida, Lourenço Diaféria escreveu:

“Tão malandro foi João Antônio que morreu sem avisar, sem ficar doente, sem deixar recado na portaria, enganando todo mundo, fazendo a gente de otário, de bobão, de ninguém, de porcaria. E a gente mal teve tempo de dizer na cara dele o quanto ele foi safado partindo assim de repente, e o quanto ele continua sendo amado ainda que tenha partido assim.” (DIAFÉRIA, 1999)

Sobre o dia o dia em que partiria, escreveu aos amigos Mylton e Manoel Lobato: *“Prestem atenção. Se eu morrer, vocês digam as mulheres que Deus só não me deu juízo. Esse, tenho tido pouco, embora isso nem sempre tenha ficado público. Agora, um pouco de talento, Deus, o Diabo e as Forças Intermediárias me deram.”*

Recentemente a editora Cosac Naify publicou algumas de suas obras, dando nova roupagem e respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Além de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, fazem parte do projeto as obras *Abraçado ao meu rancor*, *Ô Copacabana!*, *Leão-de-chácara* e *Dedo-duro*. Para a finalização desses trabalhos a editora contou com a colaboração do autor Rodrigo Lacerda, pesquisador da obra de João Antônio e responsável por um trabalho sobre a vida do autor.⁵

Em 2013 a editora publicou a obra *João Antônio – contos reunidos*. Trata-se de uma edição com capa dura que tem todos os contos publicados pelo autor e um texto que seria publicado na obra *Abraçado ao meu rancor*, mas que permaneceu inédito até então. Essa edição também têm textos de admirados do autor, assim como páginas com rascunhos de textos, datilografados e com alterações escritas à mão.

⁵ Rodrigo Lacerda é escritor e pesquisador. Sua tese de doutorado teve como tema a vida de João Antônio, que ele pesquisou na intenção de refazer toda a trajetória do autor.

2. Conto – Gênero oral e contemporâneo?

O conto é considerado pela crítica como o gênero da contemporaneidade. Numa época em que estamos presos aos ditames do tempo, a ficção mais curta se encaixa perfeitamente na rotina de quem deseja uma leitura mais rápida, mas cheia de significados. Para Alfredo Bosi:

“Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção. E mais, o mesmo modo breve de ser compele ao escritor a uma luta mais intensa com as técnicas de invenção, de sintaxe compositiva, de elocução: daí ficarem transpostas depressa as fronteiras que no conto separam o narrativo do lírico, o narrativo do dramático.” (BOSI, 2008)

O fato de ter um estilo que prevê uma condensação de ideias torna o ato de escrever contos uma tarefa ainda mais exigente para o escritor, pois ele precisa, em uma quantidade limitada de palavras, resumir tudo aquilo que deseja exprimir com seu texto. Este processo torna-se, sem dúvida, trabalhoso e ainda mais cheio de significado.

Podemos considerar, inclusive, que a escolha do conto como gênero de trabalho já demonstra uma aproximação de João Antônio com essa contemporaneidade presente nessa modalidade narrativa. Além disso, narrativas curtas funcionam melhor quando o intuito é dar representatividade a uma cidade como São Paulo: exemplo do caos imposto pela modernidade.

Este caos, tantas vezes vivido e sentido pelo autor, combinava com seus escritos e está presente em suas descrições da cidade, por exemplo. Dono de um olhar crítico, João Antônio capturava imagens da cidade e as registrava, garantindo a agilidade que a narrativa do conto exige.

Sabemos que o efeito que o conto causa, citado com genialidade por Edgar Allan Poe⁶, combina com uma sociedade que pretende ser eficiente, rápida e precisa. Além disso, as raízes do conto remetem às tradições orais e populares, ou seja, bastante próximas daquilo que João Antônio pretendia mostrar.

Embora João Antônio não tenha tido um grande contato com o imediatismo contemporâneo – cada vez mais forte com o advento das tecnologias – ele parecia prever um futuro bastante efervescente, mas que tem como marca principal a fugacidade.

Conforme Gotlib, tudo num conto tende a ser condensado, pois sua intenção é justamente a de causar impacto utilizando o mínimo possível.

“Porque cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos, tensão de fibras do narrar.” (GOTLIB, 2006)

Considerado o gênero do mundo moderno, por estar associado à rapidez com que as coisas acontecem e mesmo à facilidade com que as informações perecem, sabemos que o conto têm suas raízes na oralidade. Com o surgimento da escrita, essas histórias, antes reproduzidas oralmente, hoje são registradas, mas ainda têm a estrutura curta, com a intenção de registrar poucos fatos.

Conhecido por estudar o linguajar dos subúrbios paulistanos, João Antônio teve grande interesse em registrar termos e histórias que ouvia nas ruas, tendo o cuidado de garantir que elas representassem fielmente as características daquele meio. De certa forma, ele utilizou a oralidade como uma fonte, transpondo para o papel aquilo que ouvia pelas ruas da cidade.

⁶ Edgar Allan Poe, poeta, escritor e ensaísta americano. Escreveu sobre o impacto que os contos conseguem causar.

A partir daí, criou suas histórias, usando a linguagem popular com maestria, dando ritmo às cenas que descrevia. Suas histórias prendem a atenção do leitor e tem uma aura de suspense, exatamente como esperando que seja ao lermos um conto. Em *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, a estrutura narrativa é bem maior do que a que costumeiramente vemos, podendo ser quase definida com a de um romance – o texto é longo, dividido em capítulos – mas o autor preferiu chamar seus escritos de contos, certamente por considerar que seus arranjos dentro da história estavam mais próximos desse gênero.

3. O conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* – Será o jogo uma metáfora da vida?

“Andanças aluadas e cinzentas de três vagabundos, malandros, viradores numa noite paulistana.”

Publicado em 1963 e aclamado pela crítica, o primeiro livro de João Antônio está dividido em três partes, sendo a primeira *Contos gerais*, e seus textos *Busca, Afinação da arte de chutar tampinhas e Fugie*. Na segunda, intitulada *Caserna* temos *Retalhos de fome numa tarde de G.C. e Natal na cafua*. E finalmente, na terceira parte, chamada de *Sinuca: Frio, Visita, Meninão do Caixote e Malagueta, Perus e Bacanaço*.

São, portanto, nove contos divididos em três partes. Para Antonio Candido, a divisão presente no livro já demonstra a evolução nos escritos de João Antônio. Trata-se de um texto maior – próximo de uma novela – e com construções diferenciadas, sintaxes livres e frases carregadas de elementos que aproximam o texto da fala daqueles que são retratados na obra: o cenário urbano já antes retratado por João Antônio está ainda mais presente, mais significativo e dotado de uma forte sonoridade.

“(...) pensemos também na estrutura do livro. Há nele certo ritmo, uma espécie de *crescendo*, que serve para iniciar progressivamente o leitor nas camadas essenciais de sua visão e da sua escrita, ao longo de três blocos, constituídos por três tipos diferentes de contos, todos eles valiosos e interessantes, mas em graus diferentes de qualidade. (...) O ritmo indicado faz o leitor aproximar-se aos poucos do que João Antônio oferece de mais significativo, à medida que vai passando das histórias fáceis para as mais complexas.” (CANDIDO, 2009)

Um declarado admirador da obra de João Antônio, Antonio Candido é autor de prefácios disponíveis em algumas edições de seus livros. O “*ritmo*” citado por Candido nos remete à genialidade da obra joaoantoniana: o autor vai envolvendo o leitor ao elaborar uma obra que vai aumentando sua complexidade na medida em que vamos evoluindo na leitura. Além disso, a apresentação dos personagens também vai numa crescente e culmina com a história que representa tão bem as andanças do próprio João Antônio, um apaixonado pela sinuca e pela vida malandra.

Sobre a sinuca, João Antônio nos deixa a impressão de que, para ele, o jogo era a própria metáfora da vida. Assim como viver, jogar também exige um certo “jogo de cintura”, um cuidado especial para que você mantenha sua “bola” em jogo. Em uma das suas declarações ao amigo Mylton⁷, ele escreveu:

“Então, a sinuca também é uma cópia da nossa sociedade. Na sinuca existe o patrão, existe o empregado: o cavalo; existe o sujeito que tem o dinheiro e não sabe jogar, que é o sujeito que patroa o jogo. Aparentemente é um joguinho, mas se visto da angulação do malandro, daí a grandeza, se visto da angulação do malandro...tá lá no livrinho que eu fiz; ela é a própria síntese do patetismo da vida, da dramaticidade, da luta. (p.95)

De forma até poética, ele nos mostra como enxergava os ditames de uma sociedade dividida em classes, sempre considerando quem tem o poder aquisitivo, quem pode pagar pelo trabalho, pelos serviços. A eterna divisão entre o patrão e o empregado. Também no jogo o dinheiro é preciso e desejado e, como veremos na história contada pelo ele, um mal necessário para que a primeira aposta aconteça.

O conto título do primeiro livro publicado por João Antônio narra a história de três malandros e suas andanças pela capital paulista. Os três personagens-título da obra “visitam” cinco bairros da capital Paulista, sendo que partem da Lapa e retornam a ela. Os outros locais visitados são, respectivamente, Água Branca, Barra

⁷ Mylton Severiano foi um dos grandes amigos de João Antônio. Também com ele muitas correspondências foram trocadas e, anos mais tarde, colocadas em uma espécie de biografia. O livro “Paixão de João Antônio” tem uma série de relatos deixados por João Antônio, como uma espécie de diário.

Funda, Cidade (Centro) e Pinheiros. O próprio autor fala da obra e apresenta seus “malandros”:

“No trajeto comprido da noite e da madrugada eu os sofro e sofro a cidade. Vou contando nas quarenta páginas, conduzindo-os e explicando-os nas marchas em que vão. Porque vão em muitos ritmos de marcha. O que se passa com eles e dentro deles, o que se passa na cidade é o que este aqui quis contar. Um velho, um rapazola, um rufião maduro são os respectivos Malagueta, Perus e Bacanaço. Uni-los e conluiá-los foi armar a façanha diária de muitos malandros dos muitos lados de São Paulo. Não é uma aventura especial, épica, o que enganosamente poderá aparentar. É o cotidiano da malandragem cinzenta de sinuca e suas decorrências. Mexem-se proxenetas, prostitutas, surrupiadores de carteira, carros de polícia, vadios, homossexuais, donos de botecos, operários, esmoleiros... Ambientes de joguinho (...).” (ANTÔNIO, 2009)

Os personagens do conto são homens acostumados à dureza da grande capital e cujo intuito principal parece ser conseguir algum dinheiro, traço bastante marcante entre todos os malandros que tentam fugir da obrigatoriedade do trabalho rotineiro. Frutos da economia informal presente no Brasil, Malagueta, Perus e Bacanaço representam, cada um a sua forma, a luta constante contra um sistema que divide e marginaliza. O cotidiano citado por João Antônio foi muitas vezes vivido, experimentado e sofrido por ele.

“Estes anos a fio, tenho sido um viciado nas palavras. Catei e catei e me prometi que um dia acharia palavra ou expressão que contivesse e nomeasse, sem falseio, o meu tempo de rapaz. Correram temporadas, andei, tive subidas e descidas. [...] O ganhador ganha; não ensina o caminho.” (ANTÔNIO, 1999)

Os personagens de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* caminham a esmo, numa busca incessante que num primeiro momento parece estar relacionada às condições materiais, mas que tem muito mais um caráter social: os três malandros conhecem suas condições, eles sabem que estão à margem de uma sociedade que finge não vê-los.

Conforme definição de Durigan, a malandragem pretende se diferenciar daqueles tidos como otários, sujeitos a quem a vida parece se resumir em família e trabalho. “Os que visam à obtenção de certos objetivos previamente fixados e definidos: família, casa, dinheiro, felicidade.” Aqui também fica bastante clara a aproximação entre João Antônio e os personagens criados por ele, pois não foi trancado em um gabinete ou constituindo família que suas criações surgiram: seus textos são quase relatos de situações vividas por ele e por outros malandros que ele conheceu na boemia.

Numa espécie de resumo de personalidade, João Antônio nos dá características ímpares de cada um dos personagens, fazendo uma breve descrição dos “tipos” que o conto apresenta:

“É nessa batida o conto. Vai num intenso rebolado em que Bacanaço é rufião, Malagueta é um trapo e Perus, um menino. E agitam-se na noite carta de prostituição, misérias e arrelias. Sozinho no meio dos outros,ilhado, fazendo as coisas por fazer. Bacanaço é um safado e Malagueta é um cínico. Os três vagabundos correm Lapa, Água Branca, Perdizes, cidade, Pinheiros à cata de algum dinheiro. Voltam quebrados, quebradinhos. Fizeram marmeladas pelo caminho, conluios formaram, se bateram nos salões, brigaram nas ruas, deram pernada, cabeçada, navalhada, mas tudo valendo nada. Entra um naco de filosofia no conto e são apresentadas várias personagens típicas da baixa malandragem – o patrão, o trouxa, o gaiato, as piranhas.” (ANTÔNIO, 1999)

Considerando que a imagem do malandro está presente no imaginário de muitas pessoas quando o assunto é Brasil, é interessante analisar que malandro é esse na década de 60 e que tipo de obra foi escrita quando a televisão começava a adentrar os lares brasileiros. Sabemos que as personagens criadas por João Antônio são, em sua maioria, seres do submundo, excluídos da sociedade e, portanto, sobreviventes diários de um sistema que os marginaliza constantemente. Conforme Durigan:

“As personagens de João Antônio, em toda sua obra, constituem uma galeria de tipos residuais, trapos humanos, marginalizados pela sociedade cruel que aparentemente abriga e “protege” os otários, aqueles que são integrados. Aos malandros, personagens prediletas da sua ficção – jogadores, gigolôs, prostitutas, viradores, praças, dedos-duros, artistas decadentes, marginais – não lhes resta tão-somente a exclusão do sistema, mas lhes são negados até o direito e o sonho de conseguir os mesmos objetivos da “gente bem”, restando-lhes apenas a sobrevivência difícil, só alcançada quando o malandro quer sobreviver e sabe como fazê-lo. Daí, a necessidade de as suas personagens buscarem no aprendizado diário do submundo, na sarjeta, no prostíbulo, nos grupos marginais.” (DURIGAN, 1983)

Os malandros de João Antônio estão presentes em grande parte de suas obras, e, no caso de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, trata-se de três tipos errantes, cada um com sua personalidade e com traços marcantes. Ou seja, o autor não retratou a “figura” do malandro, e sim se preocupou em criar personagens distintos, mas com uma única essência: a da malandragem.

Sua essência está intimamente ligada a personagens populares de origem espanhola, os famosos pícaros. Vale lembrar, inclusive, que a literatura brasileira consagrou o personagem Leonardo Pataca, da obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

Sobre a obra, Antonio Candido escreveu o ensaio *Dialética da malandragem*, em que o crítico analisa a obra e seu personagem principal: “(...) Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seus tempo, no Brasil.” Para Candido, a malandragem representada por Leonardo está em safar-se de situações problemáticas, mesmo que para isso precise lesar terceiros.

Ainda sobre o tema da malandragem, encontramos a obra *Carnavais, Malandros e Heróis*, em que o antropólogo Roberto DaMatta faz um trabalho sobre a festa mais popular no Brasil, o estigma da malandragem e a paixão pelo rótulo de herói. Segundo o autor:

“(...) o malandro recobre um espaço social igualmente complexo, onde encontramos desde o simples gesto da sagacidade, que, afinal, pode ser feito por qualquer pessoa, até o profissional dos pequenos golpes. O campo do malandro vai, numa gradação, da malandragem socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. É quando o malandro corre o risco de deixar de viver do jeito e do expediente para viver dos golpes, virando então um autêntico marginal ou bandido.” (DAMATTA, 1997)

A malandragem brasileira, num primeiro momento, está centrada no nosso estigma do “jeitinho”, da capacidade de tirar proveito de tudo, na facilidade em conseguir levar vantagem. É uma malandragem ingênua, que não tem a intenção de ferir, de machucar. Uma característica muitas vezes associada à necessidade de defesa de certas esferas sociais.

Malagueta, Perus e Bacanaço, também são exemplos de uma malandragem que pretende tirar proveito dos chamados “otários”. Na fala de Malagueta: “- *A gente se junta, meus. Faz marmelo e pega os trouxas.*” (p. 159). Eles não são bandidos – Perus é um batedor de carteiras, mas não tem a maldade em sua essência – a malandragem dos três é o que DaMatta chama de “socialmente aprovada” na medida em que é aceita e entendida em seu meio.

Em correspondências trocadas com a amiga Ilka, João Antônio fala sobre a dificuldade na criação de seus personagens, cujas personalidades são muito diferentes e que demandam trabalhos específicos:

“23 de abril de 1960

- Malagueta, meu faixa, meu velho engenhoso como encardido, para que tanto me judiar? O que, Malagueta, se esconde nesta sua cabeça, que eu não sei como conto? Que é essa ruga aí no canto da boca, Malagueta? Ilka, este desgraçado me dá muito trabalho, arisco como ele só. Perus é tímido, mas genioso como só ele. Coitadinho. Sempre fugindo. Viva, Bacanaço, que é o mais fácil de todos! Cáften sem-vergonha. Mas um pelo outro, são três terríveis. Três piranhas. Domá-los, João Antônio, domá-los.” (ANTONIO,1999)

Este trecho, presente em uma das muitas cartas trocadas com a amiga Ilka, é uma confirmação do processo de produção de João Antônio, sua “alquimia literária”. O autor relata como é difícil o trabalho para a criação de seus três personagens e como cada um deles demanda uma postura diferente.

Cada um dos três malandros criados por João Antônio para o conto-título de sua primeira obra possui características bastante distintas, fato que nos leva a entender que o autor não quis estereotipar a figura do malandro da capital paulista, mas demonstrar que cada um tem suas particularidades e que o que os une é a capacidade de transgredir as ordens da sociedade, sempre respondendo de forma singular as diferentes possibilidades de exclusão social.

A malandragem dos três está fundamentada na necessidade de permanecerem juntos, cada um usando aquilo que aprendeu na rua e num conluio que pretende sempre ser favorável para o grupo. Trata-se de uma espécie de “um por todos”. Nesse aspecto, a genialidade de João Antônio fica bastante latente principalmente porque cada um representa uma diferente camada da sociedade. Malagueta é o passado descartável, exemplo de uma velhice considerada por muitos como improdutiva, enquanto Perus representa a jovialidade e Bacanaço a sabedoria e esperteza de alguém de meia idade.

Para Antonio Candido, ao criar os seus três malandros, João Antônio apresenta para a sociedade tipos que ela não desconhece, mas que na maioria das vezes marginaliza:

“Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor de sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada.”
(CANDIDO, 2009)

A veracidade com que o autor criava suas personagens faz com que eles sejam reconhecidos aqui e ali, como se em cada esquina de uma metrópole como São Paulo seja possível não só encontrar, mas identificar e classificar os três malandros da obra.

Cada um com suas características, Malagueta, Perus e Bacanaço apresentam estilos ímpares e estão em posições distintas dentro da trama. Cada um tem sua complexidade e seu estilo de vida. E é a união dos três que possibilita a “viração” pela capital paulista. Os três, tão diferentes, se completam no difícil trabalho da malandragem diária.

O processo de criação de personagens, é, inclusive, tema de muitos estudos literários. Um dos grandes ensaios sobre o assunto, o texto *A personagem do romance*, de Antonio Candido, versa sobre a construção de personagens e como estes se diferenciam de seres reais porque, ao contrário dos primeiros, são delimitados pelo escritor e, portanto, precisam de recursos que os caracterizem e os simplifiquem.

Segundo Candido, a capacidade que muitos personagens fictícios têm de encantar surge do fato de que mesmo com características limitadas eles conseguem atingir ápices de complexidades e riquezas. Esta facilidade de trabalhar com o mínimo para criar o máximo de possibilidades é atribuída aos grandes escritores literários.

“Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação.” (CANDIDO, 2009)

Ao escrever as personagens *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, João Antônio atribuiu a cada um características marcantes e seus traços, tanto físicos quanto psicológicos, são fortes o bastante para que nosso imaginário consiga reproduzi-los durante a leitura, como se pudéssemos, por exemplo, amar o jovem Perus, cuja representação é tão farta que personifica a ideia de um garoto sozinho, abandonado pela família e que é refém da própria sorte.

Algumas passagens do conto têm forte caráter recordativo, como se os personagens estivessem envoltos em uma áurea de sonho, tentando recuperar momentos perdidos e ainda não esquecidos. Embora malandros, os três homens têm uma essência boa, e a própria parceria deles é um prova de que, mesmo no duro cotidiano em que vivem, eles sabem o quão importante é a união entre eles e que suas histórias, ainda que sofridas, estão entrelaçadas.

4. A figura do malandro paulistano no conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* – Ficção ou experiência diária?

“Malandro é o que se vira.”

João Antônio escreveu sobre assuntos que certamente conhecia muito bem: malandragem, periferia, boemia, sinuca, prostituição, etc. Seus personagens são, em sua maioria, tipos urbanos, considerados como a escória da sociedade. A facilidade com que o autor construía esses tipos provavelmente vem do fato de João Antônio ser um deles. Ele conhecia a rotina de malandros – seus espaços, seus medos, suas angústias – porque fazia parte desse meio.

“*Malagueta, Perus e Bacanaço* é simplesmente uma aventura noturna que cansei de viver logo depois que sai do quartel, e que consistia em tentar arranjar algum dinheiro em andanças pelos salões de sinuca. Isso, em geral, era feito pelas últimas horas da tarde, entrando pela noite e madrugada. Assim, não imaginei nada na história de *Malagueta*. Simplesmente foi a coleta de uma experiência vivida numerosas vezes e que ainda se vive. O roteiro do livro é exatamente aquele que nós fazíamos: saíamos da Lapa, íamos à Água Branca, depois Barra Funda, depois cidade, a seguir Pinheiros e novamente tornávamos à Lapa. Esse trajeto era feito de bonde, de ônibus, a pé ou de táxi, quando se tinha dinheiro. E representava uma ronda em busca de algum dinheiro. Os primeiros leitores de *Malagueta, Perus e Bacanaço* foram jogadores de sinuca que, lendo no original, não acreditavam que tivesse sido eu o autor.” (ANTÔNIO, 1999)

Este depoimento de João Antônio nos permite perceber que ele sabia fazer parte do mundo que retratava em seus escritos e mais, ele não fugia dessa realidade, compartilhando de muitos dos momentos que descreve em suas histórias, momentos esses que ele relata não fazerem parte apenas da ficção, pois foram vividos por ele, cria do submundo e tão malandro quanto aqueles que ele dá vida.

O autor acompanhou de perto andanças como as de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e descreve os bairros citados no conto não com a precisão geográfica de

alguém que conhece mapas da cidade, mas como frequentador de bairros que na década de 60 eram conhecidos por seus lugares ermos e sombrios.

No prefácio do livro *Abraçado ao meu rancor*, escreveu Alfredo Bosi:

“Abeirar-se do texto ora lancinante ora tristemente prosaico de João Antônio requer (a quem não o faz por natural empatia) todo um empenho de ler nas entrelinhas um campo de existência singular, próprio de um escritor que atingiu o cerne das contradições sociais pelas vias tortas e noturnas da condição marginal. Sei que o termo “marginal” é fonte de equívocos; sei que, na sociedade capitalista avançada, não há nenhuma obra que, publicada, se possa dizer inteiramente marginal. O seu produzir-se, circular e consumir-se acabam sempre, de um modo ou de outro, caindo no mercado cultural, dragão de mil bocas, useiro e vezeiro em recuperar toda sorte de malditos. Mas esse fato bruto da sociologia literária não impede o leitor solidário de ouvir os tons diferentes que sustentam o recado de João Antônio e a sua combinação de estilo original, realista até o limite da personagem sem deixar de envolver-se em um fortíssimo *pathos* que vai do ódio à ternura e do sarcasmo à piedade. Ora, realismo fervido na revolta pende mais para a margem que para o centro da sociedade.” (BOSI, 1995)

Ao escrever sobre “contradições sociais”, Bosi parece resumir de maneira brilhante exatamente as incoerências da vida de João Antônio. Acostumado à marginalidade – condição imposta a ele pela vida – o autor acaba por escrever sobre o tema e ganhar *status* graças a ele. Dono de um estilo bastante peculiar, sua literatura acaba alcançando patamares não imaginados, pois deixa de ser marginal ao tornar-se produto do mercado literário.

Para além de todas estas questões, João Antônio nos apresenta uma obra livre de amarras sociais ao mostrar-se bastante próxima de uma realidade que não costuma ser retratada em obras literárias. Ao falar de marginalizados João Antônio fala de algo que conhece bem, pois fazia parte desse meio. Para Adorno, “A referência social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”. (ADORNO, 2003).

Ao ser publicado, João Antônio abandona, obviamente, a condição de escritor marginal, mas acaba por reproduzir – de forma bastante pessoal e criativa – características de pessoas com as quais ele conviveu.

Para a professora Tania Macêdo, a obra de João Antônio é plural e seus contos são urbanos, não importando qual seja a cidade:

“O que se pode dizer com segurança é que João Antônio afirma-se definitivamente como o contista da cidade (seja ela São Paulo, Rio de Janeiro ou Amsterdã), explorando os significados das vivências urbanas, ressaltando a falta de vínculos reais e a extrema violência que permeiam a vida nas urbes modernas. E por isso seus personagens são seres condenados à solidão e ao isolamento, ainda que busquem desesperadamente o contato e alguma solidariedade (talvez por isso caminhem sempre – e tanto – ao encontro do Outro e em busca de si próprias).” (MACÊDO, 2012)

A declaração de Macedo nos leva a entender que esse isolamento dos três personagens, essa solidão que os afeta é o que os mantém próximos. Para eles, mais importante do que chegar ao destino é a caminhada, é o percurso. *“Um sentimento comum unia os três, os empurrava. Não eram dali. Deviam andar. Tocassem”*. (p.178). Esse “sentimento” é talvez o que eles tenham de melhor e de maior.

Três homens diferentes em quase tudo na vida, “o velho”, “o menino” e “o rufião”, mas que encontram no caminhar a própria identidade, os próprios valores. Abandonados de tudo – sem família, sem trabalho, sem destino – o caminhar é o que melhor os resume. *“Vida e mundo, entretanto, onde não falta a veia da humanidade em seus aspectos trágicos ou cômicos que João Antônio sabe ferir com a sua estranha e coerente sintaxe: linguagem coloquial amarrando esperanças, fracassos e espertezas”*. (BARBOSA, 2013)

O autor “deu voz” a esses tipos ao representá-los em seus textos, não apenas os caracterizando, mas usando sua linguagem, seus trejeitos, recriando seus espaços e suas crenças. João Antônio relata, inclusive, que Malagueta, Perus e Bacanaço não são apenas fruto de sua composição como autor:

“A aventura ou desventura da noite dos três jogadores, em cima da qual eu faço a novela ou conto, foi vivida por mim muitas vezes. Meu conhecimento de São Paulo chegou a ser quase milimétrico em certas áreas. E posso dizer até o seguinte: que com esses mesmos

nomes existiram jogadores de sinuca, Malagueta, Perus e Bacanaço.”
(ANTÔNIO, 1999)

Tipo bastante comum nos ambientes frequentados pelo autor, a figura do malandro é uma constante em suas obras, e uma espécie de alegoria da sociedade brasileira: somos a nação conhecida pelo “jeitinho” quando o assunto é resolver problemas. Os personagens da ficção joaoantoniana não estão preocupados com questões muito complexas e têm como problema a falta de dinheiro e a vontade de levar vantagem. De qualquer forma, os seus malandros não são perigosos ou marginais, estão apenas à procura de diversão.

João Antônio preferia chamá-los de “merdunchos”, classe que tem um linguajar próprio que os caracteriza, os une e os diferencia de quaisquer outros grupos. Para ele, este termo – frequentemente usado na periferia carioca – resume essa gente que não tem vigor físico, beleza, status. Uma gente que veio da pobreza e vai morrer nela.

A explicação para a gíria é dada pelo próprio autor, e é, no mínimo, de extrema inteligência e humor: “(...) é um depreciativo quase afetivo de um merda, merda-merda; então, em vez de bosta-bosta, o cara diz – “é um merduncho”. Esta é a forma que ele encontrou quase que pra fazer uma homenagem a sua gente, pois ele nunca negou que cresceu nesse meio, cercado por homens tão iguais a ele e pra quem a malandragem é uma espécie de característica nata.

“Realmente, não existe malandro, existe é o merduncho, entende, que é um pingente urbano, um sobrevivente em péssimas condições. Bem, nos guetos onde vivem essas populações, nos morros, nas favelas, mas principalmente nas cadeias, nos hospícios, surge uma nova língua, que é a língua para desnorrear os perseguidores.”
(ANTÔNIO, 2002)

A “nova língua” citada acima era inclusive objeto de pesquisa para João Antônio. Durante muito tempo ele empenhou pesquisas para desvendar que linguajar essas pessoas falavam. Na obra publicada recentemente – *João Antônio, Contos Reunidos* – podemos encontrar o fac-símile *Vocabulário das ruas recolhido*

por João Antônio, uma espécie de dicionário em que o autor registrava palavras recolhidas nos guetos e geralmente as registrava em maços de cigarro.

Em uma das correspondências trocadas com Ilka, inclusive, o autor fala sobre a pesquisa que tem feito, sempre no intuito de desvendar esse linguajar que ele considera tão característico e ainda tão pouco aproveitado:

“Tenho feito sondagens e pesquisas, que talvez me levem ao entendimento do “porquê” e “como” não possuímos ainda uma literatura paulistana tão definida quanto e como a nordestina. E eu hei de descobrir o “porquê”!(...) “(...)Acredito, até agora, que se eu partir de um conhecimento verdadeiro do homem que vou trabalhar, das suas formas de comportamento aparente e inaparente, encontrarei a sua linguagem, literalmente). E maliciosamente evitando cacoetes e idiossincrasias típicas nordestinas (aperrear, mangar, vexar, por exemplo) estarei próximo de tal linguagem. E vislumbro, emocionado, que a linguagem paulistana, para os problemas de São Paulo, levará uma vantagem sobre a língua nordestina – problemas mais universais criam uma linguagem mais universal.” (ANTÔNIO, 2002)

Em *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, conto título do primeiro livro do autor, a tipologia do malandro está representada nos três personagens que nomeiam a obra. Embora diferentes, os três amigos têm particularidades que os caracterizam como malandros da capital paulistana. Estão à procura do “dinheiro fácil” conquistado em partidas de sinuca, arte que os três consideram dominar e da qual se orgulham.

“O jogo da vida, na expressão de João Antônio, determina um acúmulo de elementos definidores do papel a ser representado por cada um. Mais do que a posição social, é o espaço e o tempo que definem esta representação. Em certos horários, ou fora da zona, ou de certas áreas, o malandro ou bandido torna-se presa fácil. Por exemplo, durante o dia. Por exemplo, em certos ambientes diferenciados. Assim, o otário da noite pode ser o malandro diurno. E o malandro noturno transforma-se no otário diurno. Os contos de João Antônio concentram sua ação entre o lusco-fusco da noite e o alvorecer. Mas não se negam a reconhecer que existem vários círculos de dependência-marginalidade em outros ambientes e outras situações.” (HOHLFELDT, 1985)

Os personagens retratados por João Antônio são, em sua maioria, donos de características que os rotulam como “malandros”, tais como: rejeição ao trabalho

formal, perambulações por espaços considerados como impróprios (como rodas de sinuca e casas de prostituição) e a negação de regras sociais impostas nos outros meios, pois só existe o respeito por aquilo que foi criado por eles, como um código de ética – assim como ocorre com a população carcerária, por exemplo. Para eles, “desconsiderar” um malandro é um defeito grave, imperdoável entre os malandros.

João Antônio definiu que seu tema de trabalho seriam os marginalizados. Seja em histórias de ficção ou em contos-reportagem, a presença de “pingentes urbanos”, para citar uma expressão dele, era comum. O fascínio que esse tipo exercia sobre a capacidade criativa do autor é absolutamente explicável se observarmos as suas condutas e seu comportamento. Segundo Rodrigo Lacerda *“Com porres e vexames homéricos, além de hábitos pouco recomendáveis (sair de fininho na hora de rachar o táxi, ou a conta do restaurante, com os amigos, e fazer pequenos empréstimos sem pretender saldá-los etc).”* (LACERDA, 2013).

A marginalização é um processo já concretizado na vida desses homens, mas que encontra brechas quando desses momentos em que o escritor investe em cenas poéticas, resgatando-lhes à condição humana que foi suprimida no passado. Perus, por exemplo, é sempre rotulado como “menino”, fato que o aproxima de sua história de garoto sozinho e renegado pela família.

Se pensarmos nos aspectos históricos da época em que João Antônio escreveu *Malagueta, Perus e Bacanaço*, vamos nos deparar com as práticas capitalistas que ficavam fortalecidas com a Era Vargas. Essa nova concepção de mercado não abria espaço para a malandragem, entendida como “vagabundagem”: o modelo de brasileiro esperado para a realização de uma nova era no trabalho prevê um empregado cada vez mais especializado e distante da imagem do típico malandro.

A imagem do malandro destoa quando pensamos no Brasil dessa época. Trata-se de um país que deseja estar entre as grandes potências e que respira o capitalismo e seus resultados. Esse homem sem compromisso, sem carteira assinada ou folha de ponto é a representação de um país arcaico que deseja evoluir. É sobre esses homens que João Antônio escreve, sobre uma massa urbana que

“Fortemente pessoais, seus contos se alicerçam sobre os fundamentos de uma literatura de tradição popular, urbana, neo-realista, picaresca segundo os padrões vigentes da anti-heroicidade, diretamente compromissada com o social.” (BRUNO,1980).

Foi também na década de 1960 que o Brasil viu o aumento de uma cultura de massa, pois foi nesse período que a televisão adentrou nos lares brasileiros, aumentando o número de pessoas atingidas por ela e mudando o cotidiano de milhares de pessoas. Desta forma, produções literárias, por exemplo, deixam de ter grande importância e perdem muitos adeptos.

Outro aspecto bastante relevante na época – e uma realidade também na atualidade – é a importância do escritor brasileiro. João Antônio tinha plena consciência de que essa era uma profissão totalmente desvalorizada no país, fato que levava à necessidade de um escritor ter que assumir outros compromissos profissionais para poder manter a vida financeira organizada.

E essa foi a realidade do próprio João Antônio, que dividia seu tempo entre o trabalho de criação literária com o jornalismo – muitas participando de editoriais com os quais não tinha nenhuma afinidade . Ele foi um pioneiro ao defender que era necessário profissionalizar o escritor, assim como garantir a circulação de livros no território brasileiro: *“O mínimo que posso dizer, Myltainho, é que a distribuição e a comercialização dos livros no Brasil é grotesca e raquítica, de uma desorganização de um país em que os professores federais não recebem aumento há mais de 20 anos...”*.

5. Três malandros e suas diferenças – Parceria ou dependência?

“Capiongo e meio nu, como sempre meio bêbado, Malagueta apareceu.”

“Perus pediu café com leite.”

“Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada.”

Os personagens-título do conto são apresentados a partir de uma série de características que nos permitem diferenciá-los e distingui-los. Um a um, eles vão sendo desenhados na história e em pouco tempo é possível perceber suas diferenças, que não estão expressas apenas fisicamente, mas também na postura e no comportamento.

Mais velho dos três, Malagueta aparece na história tardiamente, sujo e com roupas velhas. O aspecto descrito pelo autor lembra a imagem de um mendigo.

“Andava tudo ruim e ele com a fome. Maré de azar danado, nem quisessem saber. Comer? Surrupando uma maçã duma prateleira lá do mercado, quase o pilharam com a mão na coisa. Caíra no chão, botara aquela cara de sofrimento, estendera a mão que roubou, esmolara. Com aquela cara de sofredor, de Jesus Cristo, talvez algum trouxa lhe pingasse uma grana.” (p.161)

A caracterização deste personagem é provavelmente a mais complexa, e o próprio João Antônio confidenciou à amiga Ilka como foi difícil a sua composição. Malagueta é uma espécie de malandragem passada, como se seu tempo já tivesse acabado; seu jeito desleixado o caracteriza, mas ele não é só um tipo sujo, mal cuidado: é um malandro cansado, sempre à procura de algum lugar para se encostar. Talvez uma crítica do próprio autor à condição do homem quando chega à velhice e à forma como a sociedade passa a vê-lo desde então. Curioso pensar que o próprio João Antônio preferiu isolar-se e morrer sozinho – e jovem – livrando-se da

condição de idoso no Brasil, uma nação que ainda trata sua população idosa com preconceito e discriminação.

Os outros dois aparecem no início da história, já demonstrando malandragem e gingado, provocando-se mutuamente e arrumando confusão. São parceiros à procura de diversão, mas sem dinheiro e sem grandes perspectivas. As conversas entre eles são regadas à ofensas e “desconsiderações”, mas a malandragem presente nos diálogos é mais uma prova da genialidade de João Antônio ao usar as palavras, criando uma atmosfera muitas vezes cinematográfica.

Perus é o mais jovem dos três, e durante todo o conto é descrito como “o menino”. Com dezenove anos, tem como apelido o nome do bairro de origem. Vivia com a tia – única parente citada na trama – mas tem problemas com o atual parceiro dela e prefere viver a esmo: *“Uma semana, muitas vezes, na Lapa. Nas bocas do inferno se defende, se arranja pelas ruas, trabalha nas conduções cheias, surrupia carteiras. Deixa-se ficar e fica uma semana. A mesma camisa, o mesmo sono, a fome de dias. A fome raiada.”* (p.160)

Perus é a perfeita representação do menino “criado pela vida”, vivendo de pequenos trambiques. Com habilidade na sinuca, vai ganhando a confiança de “alguns patrões”, mas vai se segurando como pode. Exemplo de uma juventude otimista, confia que o futuro lhe trará bons momentos. *“Quando eu der uma sorte e a vida tomar jeito...Vestiria panos bons, iria àquele jogo. Então, iria, dissimulado, aos jogos caros de Vila Alpina, onde corria a grana e as melhores virações da sinuca funcionavam. Vila Alpina era falada na boca de todos os malandros.”* (p.160)

É importante, porém, destacar que a ascensão desejada por ele não prevê estudos, trabalho. Perus não tem a lógica capitalista-burguesa: sua vida segue o ritmo da sinuca e é por meio dela que ele planeja melhorá-la. Como bom malandro, ele não credita ao trabalho comum seu sucesso. Segundo sua lógica malandra, é possível atingir outros patamares com a ajuda da sorte e de uma boa rodada de sinuca.

Ele tem perturbações típicas de um jovem perdido, fruto de uma desigualdade social esmagadora. Seu humor oscila da euforia à depressão – como se sobre efeito

de algum entorpecente – e ele chega a considerar acabar com esse tormento de uma maneira trágica, mas talvez a única alternativa que restasse em momentos de angústia e solidão.

“(…)Para que esperar um dia de maré de sorte? Para que pretender joguinhos caros e bons de Vila Alpina? O menino Perus achava que seria sempre um coió-sem-sorte, sofredor amansando a vida deste e daquele. E lhe chega a ideia velha, solução pretendida, única saída nos momentos de fome. – Um dia eu me apago.” (p.203-204)

Este trecho deixa clara a ideia que o menino faz de si mesmo: ele se enxerga como alguém menor, que jamais encontrará seu próprio espaço porque está à sombra daqueles cuja sorte foi maior. De infância pobre, largado ao abandono, conviveu de perto com a fome e por muitas vezes considerou que a melhor solução para seus problemas seria a morte. Certo de seu lugar na sociedade, sabe que sua intimidade com a sinuca – e sua parceria com os outros dois malandros – é um dos poucos orgulhos que ele possa sustentar.

O posicionamento que Perus tem diante dos companheiros também é bastante interessante. Ciente de que é um mero aprendiz, está sempre “à sombra” dos outros dois, deixando que eles tomem as decisões, sendo conduzido. Suas atitudes são espelhadas nas decisões dos outros dois, ele sabe que depende das experiências adquiridas por ambos e que estar ao lado deles representa, de certa forma, uma espécie de poder. “*Andar com Bacanaço, segui-lo, ouvi-lo, servi-lo, era negócio bom.*” (p.154)

Bastante preocupado com questões políticas do nosso país, João Antônio sempre declarou sua paixão pela juventude brasileira e sempre defendeu que para a voz do jovem deve ser ouvida se desejamos ser um país sério. Incluir um jovem em seu conto é a prova de que o autor acreditava realmente nisso.

Finalmente, a imagem do próprio malandro brasileiro: Bacanaço. O próprio apelido o apresenta. Vestido de branco, anel e cordão de ouro, sapatos engraxados, cafetão de boa aparência. O terceiro malandro da obra de João Antônio talvez seja o que mais se aproxima da imagem mistificada que temos de um típico brasileiro frequentador dos bairros boêmios das grandes capitais. Suas roupas, seus trejeitos,

sua “ginga”: tudo faz com que ele seja o mais caricato dos três, o que reforça ainda mais a sua figura de líder.

Bacanaço é o chefe, é o condutor do trio. Certo de seu papel – e orgulhoso dele – não cansa de lembrar-se das vantagens que pode ter ao conduzir a “viração”.

“(…) aquela conversa de os conduzir, dando as cartas e jogando de mão, era boa. Na mão bem manicurada, que viajava do queixo ao bolso, luzia o chuveiro, anelão de ouro branco e pedras para mais de trinta contos, que só rufião pode usar. Iria como patrão, a parte mais gorda cabendo-lhe. Bem.” (p.160)

Essa postura de líder é aceita pelos dois companheiros, que realmente enxergam nele a imagem de alguém que deve ser respeitado e cujos conselhos e orientações devem ser aceitos. Bacanaço é o homem a quem são atribuídas as ações de ordem, é ele quem dá as caras ao grupo, quem comanda. Ele sabe a hora de chegar e de sair. Escolhe os lugares, diz se devem permanecer ou não. Ele dá as cartas. Ou, por quê não, escolhe as bolas do jogo,

Sempre à espreita, sorrindo, aguardando enquanto os outros dois executam suas ordens. Na visão de Perus *“Bacanaço era taco melhor, jogador maduro, ladino perigoso da caixeta, do baralho e da sinuca, moreno vistoso e mandão, malandro de mulheres.”* (p.154). Perus admira a figura que enxerga em Bacanaço, como se

Homem esperto, faz um trato com os outros dois e divide os ganhos da noite como melhor lhe convém: *“ – O que é meu – e apontou a parte mais gorda: três mil e quinhentos cruzeiros, era a parcela do patrão. O resto era do trato. Malagueta ganhou dois contos e Perus, outros dois. (p.174).*

A liderança de Bacanaço não está expressa somente em suas atitudes ou gestos, ele realmente conduz os outros dois e chega a assumir uma postura semelhante a de um pai para Perus e de um filho preocupado diante de Malagueta. Ele dá assistência aos amigos, seja em gestos simples como oferecer um cigarro a arranjos mais elaborados como participar da parceira entre os três na espreita, como

bom observador. Em caso de desconfiança, ele aparece com seu gingado, como que apenas para apaziguar uma possível discussão.

Um conselheiro para as horas ruins, como na hora em que Perus e Malagueta estão em volta da mesa de sinuca, numa partida que deixa o terceiro jogador desconfiado: “ – *Velho, o jogo é jogado. Calhou. O menino é um atirador e está com a mala da sorte – sua palavra valia, que vinha de fora, como torcedor. – O menino emboca, emboca, mando tudo pras cabeceiras. Inspiração. Se daqui a pouco ele tropica: fica torto, tortinho.*” (p.173)

Os três fogem da mesmice de lugares que não podem mais acrescentar-lhes algo – material. São eternos errantes à procura de algo. Talvez eles nem saibam o que estão procurando. Basta-lhes a busca. Esse caminhar é tão expressivo na história que acaba por parecer até mais um personagem.

De maneira cíclica, eles retornam ao mesmo lugar e da mesma forma como saíram: sem dinheiro, sem perspectiva. Esse retorno ao destino – geográfico, no caso – é também a constatação de que a vida dos três também parece não ter grandes mudanças, grandes avanços. Eles vagaram durante toda a noite, têm histórias pra contar, firmaram uma parceria. Mas acabaram permanecendo no mesmo lugar, na mesma condição inicial.

Neste caso, o destino – no sentido de “sina” – dos três acaba confirmando que a condição deles é essa mesmo: embora caminhem, tracem novas rotas, façam novos planos, a vida deles já está marcada, eles são malandros, são “*merdunchos*” e estão vivendo e revivendo essa realidade. O mais fácil, nesse caso, parece ser aceitar esse fato e continuar vivendo na malandragem. De forma tranquila, claro, porque a malandragem pede prudência e bastante jogo de cintura.

6. Novo milênio, novos tempos – A malandragem morreu?

“Lentos, nas ruas. As cabeças pesavam, seguiam baixas.”

João Antônio não contemplou as grandes mudanças da sociedade. Morreu jovem, antes do grande *boom* da Internet e de suas múltiplas facilidades. Nossas novas gerações, oriundas de uma tecnologia cada vez mais presente, são a síntese de um novo momento, são reflexos de novas experiências.

Mesmo a cidade de São Paulo, que é tão mutável, tão dinâmica, já não permanece mais a mesma. A Lapa de João Antônio já não existe mais: embora um reduto da boemia, não pertence mais à classe que um dia ele tanto retratou. Os casarões da zona oeste estão dando lugar aos “arranhas céus” que tanto caracterizam a São Paulo da modernidade. A Cidade – hoje Centro – está em constante crescimento.

Nem as mesas de sinuca resistem...

Um simples passeio pelos novos subúrbios – presentes em todas as regiões e tão parecidos entre si – pode revelar que as mesas não estão mais ali. Os bares são cada vez menores, refletindo também uma cidade que se aperta, se contrai. Quando muito, escondem máquinas “caça-níquel”. Os poucos jogadores que resistem estão reclusos em clubes privados, em mesas de apostas sisudas. Boa parte dos jogos da atualidade são virtuais, uma febre da nova juventude. A jogatina é proibida e está escondida, acessível a quem pode pagar e restrita a convidados.

Não há mais a neblina gerada pelos muitos cigarros acesos: fumar em ambientes fechados é proibido por lei. As conversas acontecem no silêncio da ponta dos dedos. Os comportamentos mudaram. A rotina retratada na história – percorrer bairros paulistanos durante toda uma noite – é uma ideia que não resiste numa São Paulo violenta, cercada em seus muros e em suas redomas que pretendem garantir segurança.

Da sociedade que João Antônio retratou nos meados do século XX, poucas coisas permanecem iguais. A divisão de classes ainda é forte, e parece crescer a cada dia. A vida ainda é uma metáfora do jogo, mas os personagens da história talvez não estejam mais presentes em cada esquina da capital paulista. A própria imagem do malandro, assim a como retratada por João Antônio, parece diariamente.

Essa malandragem gingada, pura, essencialmente tranquila e tão bem representada nas narrativas joaoantonianas talvez não exista mais. Restou-nos uma malandragem diferente, aquele que foge dos padrões aceitos e é, no melhor dos adjetivos, prejudicial.

Malagueta, personagem tão complexo, representação da experiência, hoje seria considerado só mais um mendigo implorando por um pouco de comida. Certamente seria associado a algum tipo de entorpecente e seria enxergado como alguém que perdeu o controle do vício. Cambaleante entre os muitos prédios da cidade, comporia a paisagem urbana.

Nossos batedores de carteira não têm mais a leveza de Perus e sequer fazem questão de esconder algum tipo de crime. A chamada “ostentação midiática” prevê exatamente o contrário: registrar e vangloriar-se por atitudes violentas é tão comum nos grandes centros que acabamos por considerá-las quase banais. O menino do “café com leite” é de uma ingenuidade tão grande que hoje só encontra mesmo espaço em histórias ficcionais.

A imagem tão bem retratada por Bacanaço – o malandro vestido de branco, de boa aparência, envolvido em golpes de agiotagem e agenciando prostitutas – saiu de cena e, infelizmente, deu lugar à malandragem associada à violência, ao medo. Ele não está mais à espreita, nas portas dos bares, em volta das mesas de sinuca. Seu lugar está intimamente associado ao crime.

Os malandros parecem não andar mais por aí.

CONCLUSÕES

Visionário e muito inteligente, João Antônio certamente havia previsto que estava registrando a história de três homens que seriam muito representativos no seu tempo, mas não exatamente o retrato do futuro.

Ao criar a imagem do malandro paulistano ele reproduziu suas vivências e seus costumes, certamente percebendo que sua história – que de tão cinematográfica virou filme – seria uma importante recordação de uma era que foi substituída por outra, mas que ainda é extremamente importante para a compreensão da história de uma gente que conheceu tão bem.

Parceiro de rodas de sinuca e frequentador de cantos boêmios, foi fiel a sua gente mesmo na hora de expressar sua força literária: não abandonou os seus mesmo sabendo que correria o risco de não encontrar eco em seus escritos. Escreveu não só sobre o que conhecia, mas também sobre aquilo em que acreditava. João Antônio defendia os seus.

Percursor na pesquisa de um dialeto da periferia, preocupou-se inclusive com a compilação de novas palavras, pois percebia o quão rica é essa força que surge entre os marginalizados: um povo dono de suas próprias histórias e que, cientes de sua posição menos favorecida, segue em seus guetos, mas sempre produzindo, criando, reinventando.

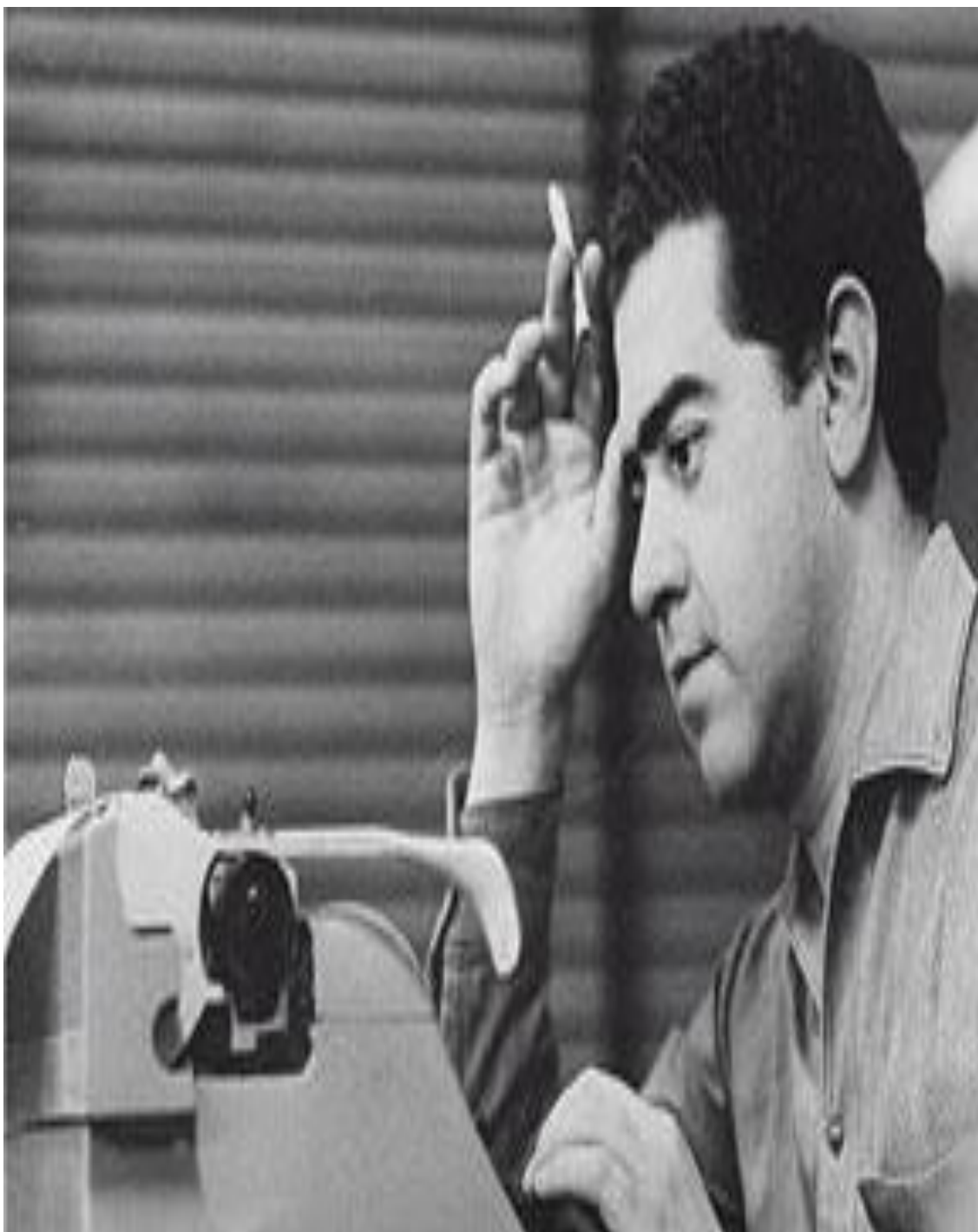
Assim também fez João Antônio: malandro que era, soube defender o seu espaço, usando o seu dom da escrita para dar voz aqueles que tantas vezes estiveram com ele em volta de uma mesa de sinuca. Escrevendo histórias fictícias ou não, ele deixou registrado o seu gosto pelas coisas simples. Não fugiu aos seus hábitos e não negou sua origem simples e periférica.

Assim como ele, seus parceiros *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* procuraram escrever a história de uma noite de “viração”. Juntos eles eram imbatíveis não só na arte do jogo e da ginga, mas também na capacidade de reinventarem seus passos a cada novo bairro que percorriam.

Sabemos que o espaço – independente de qual fosse – estava sempre envolto em uma aura de cinismo, de dissimilação. Os três sabiam que esses traços eram importantes para garantir a sobrevivência num meio com muitos tipos tão “pingentes” quanto eles. A trajetória narrada no conto era feita, certamente, por muitos paulistanos à procura de alguma diversão.

O próprio João Antônio nunca escondeu que sua inspiração veio de homens que ele conheceu em suas andanças, tipos parecidos com os três que ele imortalizou na ficção, paulistanos que poderiam abrigar qualquer grande cidade do país, todas tão parecidas em seus aspectos sociais.

Assim como seus personagens, ele também parecia não acostumar-se ao mesmo lugar, não gostar de ficar “estacionado” em uma mesma condição. Mudou de cidade, de estado e de país. Percorreu várias realidades, talvez na tentativa de se encontrar com seu próprio eu. Menino pobre de Presidente Altino, conheceu outras culturas e levou seus textos a outros espaços, mas retornou ao Brasil, escolhendo aqui permanecer. Como Malagueta, Perus e Bacanaço, ele também voltou. Ele também passou a ser um “caso” contado na boca dos parceirinhos. *“Parece-me que tenho uma das mais puras bossas para a malandragem, entre as muitas que vi.”*



João Antônio e seus companheiros de trabalho: sua máquina de escrever e cigarros.

Foto do arquivo familiar



João Antônio em um de seus passatempos favoritos: a sinuca.

Foto do arquivo familiar



João Antônio durante as gravações do filme *O jogo da vida*. Gianfrancesco Guarnieri interpretou Perus, Lima Duarte foi Malagueta e Maurício do Valle Bacanaço.

Foto de Pedro Farkas.

Rua	Telefone	Associação
malhada		
malhada = fecho malhada //		
malha = pimenta, malhadagem; Liximulação		
malhada = tudo o q se passa na malhadagem leve, itera da malhadagem; o nome que brinca		
maluco = maluco, de má qualidade; digital		
maluco = o nome que maluco		
malucoagem = qualidade de quem é maluco		
maluco = o nome popular, em São Vicente é a torcida de futebol mais popular da cidade, o Maluco		
maluco = itera		
maluco = tomar dinheiro X		
maluco = o maluco q toma dinheiro // X		
maluco = adiquem bem e com propriedade; progresso X		
maluco = dinheiro em grande quantidade		

João Antônio desenvolveu uma espécie de “vocabulário das ruas”. Nesta foto temos o registro de algumas palavras, escritas em um antigo catálogo telefônico.

Foto do arquivo familiar.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. *Crítica cultural e sociedade*. São Paulo, Ática, 2003.

ANTONIO, João. *Contos reunidos*. São Paulo, Cosac & Naify, 2013.

_____. *Leão-de-chácara*. São Paulo, Cosac & Naify, 2012.

_____. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo, Cosac & Naify, 2009.

BOSI, Alfredo. *A história concisa da literatura brasileira*. 33ª edição. São Paulo, Cultrix, 1995.

_____. *O conto contemporâneo*. São Paulo, Cultrix, 2008.

_____. “Um boêmio entre duas cidades”, in: ANTÔNIO, João. *Contos reunidos*. São Paulo, Cosac & Naify, 2013, pp. 595-600.

BRUNO, Haroldo. João Antônio e sua “estética da porrada”, in: *Novos estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília INL, 1980.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”, in: *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, São Paulo, Editora 34, 1993.

_____. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2013.

_____. “Na noite enxovalhada”, in: ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo, Cosac & Naify, 2009, pp. 5-12.

_____. *Literatura e sociedade – estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2011.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DIAFÉRIA, Lourenço. De Joãozinho ao João Antônio, in: *Remate dos males*. Nº 19. Campinas, IEL/UNICAMP, 1999, pp.57-63 .

DURIGAN, Jesus Antônio. João Antônio e a ciranda da malandragem, *in*: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

GOTLIB, Nadia B. *Teoria do conto*. São Paulo, Ática, 2006.

HOHLFELDT, Antônio. “Pra lá de Bagadá”, *in*: ANTÔNIO, João. *Os melhores contos*. Rio de Janeiro, Global, 1985.

LACERDA, Rodrigo. “Ele está de volta”, *in*: ANTÔNIO, João. *Contos reunidos*. São Paulo, Cosac & Naify, 2013, pp.13-40.

LAURITO, Ilka Brunhilde. João Antônio: o inédito, *in*: *Remate dos males*. Nº19. Campinas, IEL/UNICAMP, 1999, pp. 25-53.

MACÊDO, Tania. “Malandros e merdunchos”, *in*: ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. São Paulo, Cosac & Naify, 2012, pp.11-21.

RÓNAI, Paulo. “Duas palavras”, *in*: ANTÔNIO, João. *Contos reunidos*. São Paulo, Cosac & Naify, 2013, pp. 593.

SEVERIANO, Mylton. *Paixão de João Antônio*. São Paulo, Casa Amarela, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 2008.

ZENI, Bruno. “Uma formação na malandragem: fraternidade, subsistência e marginalidade em Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio, *in*: *Revista Magma*. Nº 8, 2002-2003, pp. 31-41.

